

APRESENTAÇÃO

Um sorriso negro
um abraço negro
traz felicidade
negro sem emprego, fica sem sossego
negro é raiz da liberdade.
Negro é cor de respeito
negro é inspiração
negro é silêncio, é luto
negro é solidão
(Dona Ivone Lara).

O presente livro, “Antirracismo, Lutas de Gênero e LGBTQIAPN+”, reúne escritos de discentes e docentes do Programa de Pós-graduação do Serviço Social (PPGSS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que posicionam o racismo e as opressões de gênero e da população LGBTQIAPN+ no bojo das lutas anticapitalistas. Os textos asseguram a inconciliabilidade das formas de sociabilidade marcadas pela sujeição e dominação dos corpos, sobretudo negros e femininos, com a garantia do “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017) dos grupos oprimidos, visando a sua emancipação.

Escrever é um ato político (KILOMBA, 2019) e uma das expressões dialógicas do amor revolucionário, que transforma as estruturas da sociedade (hooks, 2021; FREIRE, 1987). Por e para esse amor que sementes da resistência foram plantadas por referências como Dona Ivone Lara e Marielle Franco. Ivone Lara, uma das primeiras assistentes sociais e mulher negra formada no Brasil, também foi uma das pioneiras a romper, com excelência, com a supremacia masculina no samba. Na esteira desses passos que vêm de longe, Marielle, negra, favelada, mãe, lésbica, que, ao desafiar a heteronormatividade e ascender socialmente (SOUZA, 1983) ao parlamento, foi brutalmente assassinada por um Estado marcado pelo genocídio do povo negro (NASCIMENTO, 2016) e pela política da morte (MBEMBE, 2018).

Dessa forma, pensar o antirracismo e as lutas dos grupos subjugados longe das lutas anticapitalistas, é desconsiderar “o perigo de uma história única” (ADICHIE, 2019). Basta lembrar que a ordem capitalista mantém e amplia suas formas de exploração e dominação por meio do racismo. Criou o conceito de raça em meados do século XVI para apresentar o branco europeu como racional e superior, e o negro como irracional e inferior, fortalecendo os privilégios do branco dito civilizado, escravizando, explorando e expropriando o negro de seus direitos fundamentais (ALMEIDA, 2020; DAVIS, 2016; ROBINSON, 2023; RODNEY, 2022).

Se, por um lado, de acordo com Losurdo (2006), o povo negro fez uma revolução contra essa opressão no Haiti¹; de outro lado, a cultura capitalista e o colonialismo com sua raiz patriarcal, continuam a oprimir os sujeitos e os movimentos que representam negros, mulheres, LGBTQIAPN+ (GONZALEZ, 2020; QUINALHA, 2021). Sem contar que,

¹ “Com a Revolução Haitiana, tornou-se evidente que o projeto liberal não tornava todos os homens iguais e sequer faria com que todos os indivíduos fossem reconhecidos como seres humanos. Os mesmo que aplaudiram a Revolução Francesa viram a Revolução Haitiana com desconfiança e medo, e impuseram toda a sorte de obstáculos à Ilha caribenha, que até os dias de hoje paga o preço pela liberdade que ousou reivindicar (ALMEIDA, op. cit., p. 27-28).

baseada em uma pseudomodernização que se baseia apenas em lucros, a sociedade do capital extermina os povos originários e as suas reservas ambientais, e com eles, nossa história e nosso planeta (GALEANO, 2021; BASCHET, 2016; KOPENAWA & ALBERT, 2015; VALENTE, 2017).

O primeiro capítulo intitulado “Três andaimes de pesquisa de mestrado e do doutorado: discussão a partir da dissertação de Marielle Franco”, de autoria do professor Rogério Lustosa Bastos e do mestrando Robson Aguiar Oliveira, traz à tona os parâmetros básicos de construção de uma pesquisa durante a produção de uma dissertação e de uma tese. Os autores defendem a qualidade da investigação de uma pesquisa, a partir da visão geral do seu objeto por meio de três andaimes: o andaime acadêmico², o andaime metodológico-técnico³ e o andaime teórico-político⁴.

O texto parte da dissertação de Marielle Franco para ilustrar a importância de erigir uma pesquisa baseada nesses pilares; primeiro, porque seu estudo não se restringe aos centros de pesquisa ou às universidades. Em segundo lugar, baseando-se no pressuposto teórico de Wacquant, Marielle interpreta os dados da pesquisa, colocando por terra o projeto da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) e demonstrando o seu caráter punitivista subsidiado pelo Estado capitalista. Tal punitivismo atende mais à militarização, ao controle e ao empreendedorismo social na favela, do que à implementação de políticas públicas de direitos plenos, em favor dos moradores das favelas cariocas, que não podem ser reduzidos a três letras: UPP.

No segundo capítulo deste livro, que recebe o título “Violência contra a mulher negra no Brasil: indissociabilidade entre gênero, raça e classe”, elaborado pela mestranda Nane Cruz Nunes e a professora Lilian Angélica da Silva Souza, entre outras questões importantes, o mito da democracia racial é posto abaixo, sobretudo, ao expor a desumanização sobre o corpo negro feminino brasileiro. As autoras apontam como as raízes da formação social e histórica no Brasil, baseadas nos fundamentos da sociedade burguesa, cuja política eugênica e de hegemonia branca, patriarcal e elitista, contribuíram para forjar as diversas formas de violência, as quais mulheres negras vêm sendo afetadas ao longo dos séculos.

O texto em questão, afora estar apoiado em uma literatura de oposição, tais como Nascimento, 2016; Gonçalves, 2006; Gonzalez, 2022, 2020; Carneiro, 2011, analisam os conceitos de interseccionalidade e consubstancialidade, concluindo como as questões raciais, de gênero e de classe, constituintes da sociedade capitalista, estão implicadas nos modos de opressão deste público (DAVIS, 2016; AKOTIRENE, 2020).

Nesta direção, o ensaio “Um soluçar de dor: o aumento da vulnerabilidade social de mulheres negras na pandemia de Covid-19”, escrito pelo mestrando Deivi Ferreira da Silva Matos e a professora Ludmila Fontenele Cavalcanti, apresenta reflexões sobre o aumento

² Instante de se desenvolver pontos básicos da pesquisa: questão de estudo, palavras chaves, levantamento bibliográfico (leituras de periódicos, de teses etc.); buscar um orientador; aprender a referenciar conforme a ABNT; de conhecer as diferentes escritas acadêmicas e escolher uma delas etc.

³ Momento em que se escolhe, dentre os vários métodos e técnicas de pesquisa, aqueles apropriados para desenvolver a singularidade de cada objeto de estudo. Após apresentar alguns desses principais métodos e técnicas, o artigo em questão sugere que isso seja debatido, sobretudo, com o orientador da pesquisa.

⁴ Instante em que o pesquisador mostra identificação com um pressuposto teórico, o qual, de um lado, pode ser um autor; de outro, um conjunto de autores que são significativos para um tema específico. Enfim, é o pressuposto teórico-político que dará sentido à interpretação do pesquisador junto aos dados recolhidos para sua pesquisa.

das vulnerabilidades sociais das mulheres negras no contexto da crise sanitária da Covid-19 e a importância de se discutir o binômio relações étnico-raciais e de gênero na Política de Assistência Social. Privilegia um resgate sócio-histórico e analisa os indicadores sociais desta população, tais como: morte por Covid-19, violência letal; insegurança alimentar; acesso ao auxílio-emergencial e políticas sociais. Os autores concluem que as expressões da “questão social” que acometem a população negra foram agravadas no contexto de crise sanitária pandêmica, principalmente em função do histórico processo de contrarreformas e a escala neoliberal, que fragilizam as organizações de luta e os próprios direitos sociais.

Ainda sobre a conjuntura de emergência em saúde pública provocada pela Covid-19, a mestrandia Euliny Araújo Mota, escreve o capítulo que intitula como “O dever do Estado na pandemia: uma análise do papel do Auxílio-Emergencial na realidade pandêmica das mulheres trabalhadoras”, onde destaca, principalmente, as opressões de classe e de gênero sobre a mão-de-obra feminina. Considerando a importância da participação da mulher no mercado de trabalho, Euliny aborda os impactos da redução dos postos de trabalho para este público no período contingencial e os limites do Auxílio-Emergencial para suprir as necessidades materiais de sobrevivência destas mulheres e suas famílias.

Discutindo a relação entre Serviço Social e questão racial, a mestrandia Mariana Suzano da Fonseca Amorim e a professora Rachel Gouveia Passos escrevem o capítulo “Formação social brasileira, racismo e Serviço Social: a importância da incorporação do debate étnico-racial na formação profissional”. Nele, as autoras analisam um contexto histórico específico no Brasil para sinalizar como o capitalismo se utiliza da racialização e da hierarquização social para configurar o desenvolvimento político, econômico e cultural do país. Por isso, apontam os impactos de uma formação em Serviço Social distanciada do debate racial, que pode corroborar para o apagamento da história e das origens dos próprios usuários das políticas sociais operadas por assistentes sociais. Compreendendo que o racismo viabiliza as relações de desigualdade e exploração, criando estratégias de manutenção da subalternidade da população negra, elas defendem a imprescindibilidade da apropriação da discussão racial para uma formação crítica em Serviço Social, acenando para o horizonte de superação das desigualdades raciais.

Os autores Paulo Sérgio Pereira Filho, mestrando, e Joilson Santana Marques Junior, doutorando, abordam uma temática que ainda é pouco explorada no interior da Academia, porém, de extrema relevância para a sociedade, de modo geral. “Pessoas transnegras: A interseccionalidade e a intersetorialidade nas políticas públicas”, traz um debate fundamental sobre racismo e transfobia, e de como esses elementos impactam na discriminação e no preconceito de pessoas transnegras. Os autores utilizam do dispositivo interseccional para debater como o existir de pessoas transnegras, vem sendo ameaçado pelo descaso do Estado e pela desumanização desses corpos negros.

A deputada federal Erika Hilton (mulher negra e trans), eleita com mais de 256 mil votos pela cidade de São Paulo, refere que “Quem é preto, pobre, periférico, nasce e vive com medo a vida inteira. Então, eu tenho medo, sim, mas ele não me paralisa”. Neste capítulo, Paulo e Joilson convocam os leitores a saírem da letargia e despertarem para a luta contra a desumanização que o Estado, aliado ao capital, tem praticado contra essas pessoas, pois elas, conforme Hilton (2020), passam a vida inteira precisando brigar para sobreviver. As reflexões dos autores apontam a urgência da discussão desta temática em todos os setores da sociedade.

No que diz respeito às resistências negras e à luta antirracista, é ilustrativo o capítulo produzido pelas mestrandas Elizabeth Gomes da Silva, Luiza da Costa de Deus e Silvana Siqueira Coelho, que recebe o título “Cultura capitalista, racismo e pacto da branquitude: discussão dos direitos das trabalhadoras domésticas, das mulheres negras dançarinas (exploradas sexualmente e traficadas) e das resistências do povo negro através da capoeira”. As autoras mostram como a lógica da colonialidade submeteu toda a herança cultural da ancestralidade negra a um lugar de inferiorização, traduzindo-se na precarização do trabalho doméstico, na exploração sexual da mulher negra dançarina, bem como no lugar de marginalidade e/ou desprezo em que o saber ancestral da capoeira é colocado.

Por isso, elas afirmam a potência da trabalhadora doméstica e a expressão cultural da mulher negra, assim como refutam a capoeira a um mero sentido afirmativo ou folclórico. Buscam desconstruir a concepção formulada pela branquitude, que tratam negras e negros, menos como humanos e mais como categorias do "não ser" (FANON, 2005), sob a ideia de possuírem “um defeito de cor” (GONÇALVES, 2006). Assim, para se opor à histórica única e opressora, reconstrói-se a história dos ditos vencidos pela afirmação da negritude, refletindo sobre as lutas pelos direitos das trabalhadoras domésticas, das dançarinas negras e da capoeira como forma de resistência por meio da arte. Em ambos os casos, o que há em comum é o trauma colonial (KILOMBA, 2019).

Dayana Christina Ramos de S. Juliano, ativista política e profissional, forjada no movimento social de mulheres negras, se propõe a falar sobre as resistências e lutas de mulheres negras que tiveram seus filhos vitimados pela necropolítica (MBEMBE, 2018) do Estado brasileiro. O capítulo da doutoranda intitulado “Mulheres negras em luta e afirmando vidas negras”, traz um importante debate de como mulheres negras têm transformado a dor em luta, com o objetivo de garantir o direito à vida aos seus pares e familiares. A autora entende que o Estado é o centro propagador de violações de direitos e de violências contra a população negra, por isso urge a necessidade de o Serviço Social enquanto categoria que luta pela defesa intransigente dos direitos humanos, e por justiça social, incorporar o debate do antirracismo em seus estudos, pesquisas e espaços sócio-ocupacionais.

Dayana faz um convite aos seus leitores, assim como o Samba Enredo de 2019 da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira fez aos seus ouvintes: “Na luta que a gente se encontra”. A autora convoca a todos e a todas a se juntarem na luta dos oprimidos com as mulheres negras que tiveram seus filhos e colaterais vitimados, um grito de resistência contra o Estado opressor, que parafraseando Conceição Evaristo “Combinou de nos matar, porém nós combinamos de não morrer”.

Objetivando problematizar a criminalização das drogas e o quanto esta, tem impactado na saúde de pessoas negras, o capítulo “Racismo estrutural e *cannabis* terapêutica: o acesso no Brasil sob uma perspectiva interseccional” da mestrandia Sálvia Karen dos Santos Elias versa sobre a necessidade de ampliação do debate sobre o acesso aos medicamentos à base de *cannabis* sativa, conhecida como maconha no Brasil. A autora busca realizar um debate relacionando classe, gênero e raça para refletir sobre como a criminalização da maconha, é fruto do racismo estrutural que desde a nossa formação social se faz presente e continua se materializando na contemporaneidade, impactando no acesso aos direitos da população negra.

Sálvia busca problematizar a Lei nº 11.343/ 2006 (Lei de drogas), e como ela vem sendo utilizada pelo Estado brasileiro como um mecanismo de “Punir os Pobres” (WACQUANT, 2003). A lei, segundo a autora, tem impactado no encarceramento em massa e no genocídio sistemático da juventude negra. O capítulo aponta a importância do Serviço Social incorporar esse debate, pois o preconceito e o estigma contra a *cannabis sativa* (maco-nha), tem impedido o tratamento da saúde de filhos de mulheres negras, que tem como foco principal a luta pela sobrevivência da sua descendência.

O capítulo de título “Classe, Raça, Gênero: uma análise acerca do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à família (PAIF) no município de Campos dos Goytacazes-RJ”, escrito pela mestrandia Carolina Quemel Nogueira Pinto, aborda uma pesquisa que está sendo implementada no município supracitado, que analisa o empobrecimento da população local, a questão racial e de gênero, tendo como foco o PAIF. Como o empobrecimento da população em todo Brasil é de 9,89%, mas o da cidade de Campos é de 14,88%; como neste grupo de empobrecimento, a mulher é majoritária; como o PAIF, em Campos, tem a função de combater o empobrecimento populacional? - são perguntas presentes no estudo. Para tanto, considerando que o PAIF/Campos é constituído, de um lado por assistentes sociais e, de outro, por usuárias deste Serviço (majoritariamente negras), a autora propõe fazer uso de metodologias como entrevistas e grupo focal para investigar tais elementos, buscando identificar se há um recorte de raça e de gênero.

Pensar a ficção totalmente separado do real? Captar o real sem a ficção? Elaborar pesquisa em que a opressão de gênero e o racismo aparecem a partir de fontes da arte literária? Eis algumas questões que atravessam as páginas do último capítulo deste livro, que possui o título “Insubmissas à dominação masculina: uma análise com Conceição Evaristo” de autoria de Ingra Moratori Sobreira, discente do PPGSS-UFRJ. Considerando que o escrito, nas palavras da autora: “debruça-se nas expressões concretas de dominação masculina sobre as mulheres no nosso país”, particularmente através do livro “Insubmissas lágrimas de Mulheres”, de Conceição Evaristo, cabe indagar: quais as razões discutir o objeto de uma pesquisa científica com base em um livro de narrativas sobre violências contra essas mulheres? Talvez, porque, fazendo uma aproximação com Walter Benjamin (1986; 2012), existem dois motivos básicos: primeiro, pelo fato de que, a rigor, a história contemporânea é escrita fundamentalmente pelos vencedores.

Em consequência, a história dos ditos vencidos fica à margem e, assim, aquilo que escapa a tal visão oficial ou pretensamente única, pode aparecer de forma mais livre, notadamente pela narração dos livros de literatura. Segundo, considerando que, atualmente, vive-se sob égide em que o importante é se alcançar um modo de vida de sucesso, baseando-se exclusivamente em valores que buscam transformar tudo e todos em mercadoria; inclusive reduzindo a cidadania ao consumo e estimulando o alto individualismo, há também a pobreza da experiência. Diante disto, uma das formas de se combater essa “pobreza” é buscarmos obras que tragam à baila a narração da experiência humana, principalmente a partir da fala da história dos ditos vencidos.

Afora isso, neste livro, há, ainda, uma entrevista com a Deputada Estadual Renata da Silva Souza (PSOL-RJ), e, em seguida, a Biblioteca Negra, em que o Prof. Dr. Daniel de Souza Campos e o assistente social Roberto Rodrigues Ribeiro contribuem com duas resenhas.

Na Entrevista, respondendo um conjunto de indagações, a Deputada unifica o diálogo e demonstra a importância da visibilidade para os temas aqui elencados. O objetivo desta entrevista foi ouvir e registrar as vivências, proposições e posicionamento político de uma parlamentar negra, favelada e de esquerda, nas encruzilhadas das lutas e pela defesa de garantias de bem-viver para a população negra, mulheres e LGBTQIAPN+. Além disso, dois pesquisadores negros apresentam suas resenhas sobre produções que dialogam sobre os temas trabalhados nesta coletânea.

Nas resenhas, o Prof. Daniel de Souza Campos escreve sobre o livro “Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades”, de 2019 e autoria de Henrique Restier e Rolf Malungo de Souza, considerando que a coletânea aponta relevantes reflexões sobre como, no atual cenário, ocorre a segregação e desqualificação dos homens negros no Brasil, tendo como um dos efeitos a hiperssexualização heteronormativa. Já o pós-graduando Roberto Rodrigues Ribeiro, discorre sobre o livro “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”, publicado em 2021, pela socióloga nigeriana Oyèrónké Oyêwùmí, onde expõe a contribuição da obra para a compreensão do impacto da abordagem eurocêntrica nas produções acadêmicas.

O conjunto de reflexões reunidas neste livro, materializa as inquietações e denúncias de jovens pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFRJ, sobre as formas de opressão pelas quais são submetidas as maiorias que foram minorizadas, como um dos resultados da Jornada de Integração e Pesquisa Acadêmica (JIPA), realizada em 2023, nas dependências da Escola de Serviço Social. Muitos desses jovens, foram generosamente estimulados pelos seus/suas orientadores/as ou escreveram em parceria com eles e elas, os quais agradecemos a oportunidade.

Assim, compreendemos que esta produção pode ser definida como um grito por liberdade, equidade e justiça social. As lutas antirracistas, de gênero e LGBTQIAPN+, nunca se fizeram tão urgentes na sociedade brasileira, sobretudo em uma conjuntura política e econômica que tem tido a ascensão da extrema direita e o ultraliberalismo como norte. Por isso, os autores e as autoras buscam apontar como o Estado brasileiro tem sido nocivo para essas pessoas, seja na omissão ou na sua ação arbitrária.

Este livro pretende convidar a todos e à todas para que se encontrem na luta contra a dominação dos corpos, o apagamento e o genocídio negro, bem como que se coloque contra a perda de direitos de toda sorte. Tratar do conjunto dessas questões é condição precípua no horizonte de um projeto de sociedade emancipatória e livre de todas as formas de opressão. Sim, essas denúncias são indispensáveis e é preciso resistir, pois, como já nos dizia Marielle: “As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas”.

A organizadora e os organizadores.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª ed. Companhia das Letras, 2019. 64 p.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro & Jandaíra, 2020.
- Almeida, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro & Editora Jandaíra, 2020.
- BASCHET, Jérôme. **A experiência zapatista: rebeldia, resistência e autonomia**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Tradução: Enilce Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALEANO, Subcomandante insurgente (antes Marcos). **Contra a Hidra capitalista**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GONZALEZ, Lélia; Hasenbalg, Carlos. **Lugar do negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afrolatino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HILTON, Erika. "Este é o país dos paradoxos, que elege mulheres negras e tem homens negros assassinados". Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-22/este-e-o-pais-dos-paradoxos-sem-fim-que-elege-mulheres-negras-e-tem-homens-negros-brutalmente-assassinados.html>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- hooks, Bell. **Vivendo de amor**. 2021. Disponível em: <https://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- IPEA. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. **Atlas da Violência 2021**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/21/atlas-da-violencia-2021>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação- Episódios de Racismo Cotidiano/Grada KILOMBA**; tradução Jess Oliveira- 1ª ed., Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- LOSURDO, Domenico. **Contra-história do liberalismo**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Traduzido por Renata Santini. São Paulo n-1 edições, 2018.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- NETO, João Cabral de Melo. O retirante explica ao leitor quem é e a que vai. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond & ANDRADE, Mário *et al.* **50 poemas de revolta**. São Paulo. Companhia das letras, 2017.
- QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- RIBEIRO, Djamilá. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. São Paulo: Boitempo, 2022.
- ROBINSON, Cedric J. **Marxismo Negro: a criação da tradição radical negra**. São Paulo: Perspectivas, 2023.
- SCHWARCZ, Lillian Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.
- VALENTE, Rubens. **Os fuzis e as flechas: história de sangue e resistência indígena na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- WACQUANT, L. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.